

Isaías Caminha é o romance da imprensa brasileira do início do século, povoado de literatos mais ou menos frustrados. O autor não trabalhara em jornal; mesmo naquele que retrata, em grossos traços de caricatura, não ultrapassara a situação de colaborador externo, aliás anônimo, com uma só reportagem, embora significativa. Não é esse o aspecto que enfraquece a sua sátira porém; mas o fato de que situou pequenos detalhes, alguns saborosos evidentemente, outros exatos, mas não compreendeu como o papel do jornal que satirizou era positivo, naquela etapa e na relação das condições vigentes. Como se sabe, o romance é uma sátira ao *Correio da Manhã* mas a escolha desse jornal não esteve ligada a um propósito de ressentimento pessoal, mas à circunstância de ser tal jornal “o de maior sucesso, o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época”. Como escreveu Francisco de Assis Barbosa “o *Correio da Manhã* era atingido duramente pela pena do romancista, que o descrevia qual um museu de mediocridades, tendo à frente um diretor violento, mestre de descomposturas, destruindo reputações em nome da moral, mas que não passava, na realidade, de um êmulo de Tartufo, corrupto e devasso”⁽²²³⁾. A esse ataque violento, descomedido e até certo ponto injusto, o *Correio da Manhã* respondeu com olímpico silêncio: o nome do romancista foi proibido de ser mencionado no jornal. E os outros jornais acompanharam, via de regra, esse silêncio: “receberam de pé atrás o livro inconveniente atrevido, onde tantas figuras ilustres e respeitáveis — algumas delas, diga-se de passagem, falsamente ilustres e falsamente respeitáveis — eram retratadas ao vivo, quase sem nenhum disfarce”⁽²²⁴⁾. É preciso esclarecer, entretanto, que o espírito das “igrejinhas”, no provincianismo literário da época, teve papel importante no silêncio estabelecido em torno

alguns exemplares, cinquenta, se o sr. achar razoável, para os oferecimentos de praxe. Julgo-me, meu caro sr. Teixeira, muito feliz por encontrar quem queira publicar-me e com a publicação fico satisfeito”. A carta é de 24 de abril de 1909. O livro apareceu, no Rio, em fins de novembro ou no início de dezembro desse ano, quando se abria a tempestuosa campanha da sucessão de Afonso Pena, com o Civilismo em luta com o hermismo.

(223) Francisco de Assis Barbosa: *A Vida de Lima Barreto*, Rio, 1952, pág. 173. As “chaves” do romance foram cedo desvendadas: Edmundo Bittencourt aparece como Ricardo Loberant; Leão Veloso, como Aires d’Ávila; Vicente Piragibe, como Leporace; Cândido Lago, como Lobo, o gramático; João Itiberê da Cunha, como Floc; Coelho Neto, como Veiga Filho; Paulo Barreto, como Raul Gusmão; Figueiredo Pimentel, como Florêncio; Afrânio Peixoto, como Franco de Andrade; Gastão Bousquet, como Losque; Costa Rego, como Oliveira, além de outros, de menor relevo. Como se vê, não apenas gente do *Correio da Manhã*, o que reforça a idéia de que Lima Barreto escolheu esse jornal apenas por ser o mais discutido, o mais notório, aquele sobre o qual as atenções se voltavam, atenções as mais generalizadas. No fundo, desestimava tanto o *Correio da Manhã* quanto os outros jornais.

(224) Francisco de Assis Barbosa: op. cit., pág. 173.